

Homenagem a José Saramago no Dia Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino – 29 de Novembro de 2022

José Saramago foi um homem totalmente comprometido com o seu tempo, em particular com a luta dos seres humanos e dos povos pela emancipação de todas as formas de exploração e opressão. O drama do povo palestino, a sua causa nacional, a sua heróica luta contra a ocupação e pela liberdade, teve em José Saramago uma voz empenhada, corajosa e sentidamente solidária.

Saramago sempre quis juntar a sua voz lúcida e firme à de outros portugueses em iniciativas que abriram caminho à criação do MPPM e, sobretudo, em defesa da vida e do futuro do povo palestino.

Foi assim com o abaixo-assinado «Não ao Muro de Sharon» (2004); com o documento fundador do MPPM (2005); com o apelo contra a agressão israelita ao Líbano e a guerra (2006); com a moção de repúdio aos 40 anos de ocupação da Margem Ocidental do Jordão depois da Guerra dos Seis Dias (2007); com a denúncia da invasão israelita da Faixa de Gaza (2008) e com tantas outras iniciativas.

Ao assinalar os cem anos do seu nascimento, evocamos estas contribuições de José Saramago, para que, em Portugal e no Mundo, fosse mais bem defendida e tivesse maior projecção a causa dos direitos inalienáveis do povo palestino e da paz no Médio Oriente.

Em Março de 2002, José Saramago integrou uma delegação do Parlamento Internacional de Escritores que visitou a Palestina a convite do poeta Mahmoud Darwish.

Saramago esteve em Ramala com Arafat e Darwish, de quem era amigo.

Em torno desta viagem, impressionado com o que viu, Saramago proferiu declarações que causaram polémica.

Numa entrevista à BBC, Saramago afirmou:

Isto não é um conflito. Poderíamos chamá-lo conflito se se tratasse de dois países, com uma fronteira e dois estados, com um exército cada um. Aqui trata-se de uma coisa completamente distinta: Apartheid. Ruptura da estrutura social palestina pela impossibilidade de comunicação.

Um sentimento de impunidade caracteriza hoje o povo israelense e o seu exército. Os palestinos são vítimas de crimes contra a humanidade cometidos pelo governo de Israel com o aplauso de seu povo.

Em Julho de 2006, José Saramago assinou, com John Berger, Noam Chomsky e Harold Pinter, uma carta dirigida aos principais jornais internacionais em que assume uma posição firme sobre a ameaça que impende sobre a nação palestina.

O mais recente capítulo do conflito entre Israel e a Palestina começou quando forças israelitas raptaram dois civis, um médico e o seu irmão, na Faixa de Gaza – um incidente escassamente relatado por toda a parte, excepto na imprensa turca. No dia seguinte, os Palestinos fizeram prisioneiro um soldado israelita e propuseram uma troca negociada por prisioneiros detidos pelos israelitas: há cerca de 10.000 nas prisões israelitas.

Que este “rapto” tenha sido considerado um ultraje, ao passo que a

ocupação militar ilegal da Margem Ocidental e a apropriação sistemática do seus recursos naturais, muito especialmente da água, pelas forças de defesa israelita sejam consideradas factos da vida, lamentáveis mas reais, é típico da política de dois pesos e duas medidas, repetidamente utilizada pelo Ocidente, perante a sorte que se abateu sobre os Palestinos, na terra que lhes foi atribuída por acordos internacionais, no decurso dos últimos 70 anos.

Não podendo estar presente na Assembleia Geral constituinte do MPPM, em Fevereiro de 2008, José Saramago enviou uma mensagem que continua plena de actualidade:

O processo de extorsão violenta dos direitos básicos do povo palestino e do seu território por parte de Israel prossegue perante a cumplicidade ou a indiferença da mal-afamada comunidade internacional.

Nada nem ninguém, nem sequer organizações internacionais que teriam essa obrigação, como é o caso da ONU, conseguiram, até hoje, travar as acções mais do que repressivas, criminosas, dos sucessivos governos de Israel e das suas forças armadas contra o povo palestino. Não parece que a situação tenda a melhorar. Pelo contrário. Enfrentados à heróica resistência palestina, os governos israelitas alteraram certas estratégias iniciais suas, passando a considerar que todos os meios devem ser utilizados, mesmo os mais cruéis, mesmo os mais arbitrários, desde os bombardeamentos indiscriminados aos assassinatos selectivos, para dobrar e humilhar a já lendária coragem do povo palestino, que todos os dias vai juntando parcelas à interminável soma dos seus mortos e todos os dias os ressuscita na pronta resposta dos que continuam vivos.

Sempre que a sua ocupada agenda o permitia, Saramago associava-se a iniciativas públicas do MPPM. Em 7 de Setembro de 2004, presidiu ao «Encontro de Informação sobre a Actual Situação na Palestina» em que era oradora principal a escritora e poetisa palestina Hanan Awwad e que reuniu duas centenas de pessoas na Casa do Alentejo, em Lisboa.

No Encontro abordou-se a situação dos presos políticos palestinos detidos em prisões israelitas e a construção do designado “Muro de Sharon”, já condenada pelas mais elevadas instâncias internacionais. Mereceu especial atenção a situação do Presidente Yasser Arafat, há longo tempo cercado na sua residência de Ramala, e com o qual se estabeleceu uma comunicação telefónica, para lhe testemunhar a solidariedade dos presentes.

Em 4 de Junho de 2007, José Saramago participou numa «Sessão de Intervenção» em Lisboa, inserida num conjunto de iniciativas que, em todo o Mundo, apelavam à Liberdade para a Palestina e à Paz para o Médio Oriente, exigindo a saída de Israel dos Territórios Palestinos ocupados desde a Guerra dos Seis Dias.

No dia 26 de Maio, José Saramago participou numa sessão pública de solidariedade evocativa dos 60 anos da Nakba palestina em que era convidado especial Mohammad Barakeh, deputado no parlamento israelita e presidente da Hadash – Frente Democrática pela Paz e Igualdade).

Em 18 de Novembro de 2008, realizou-se uma «Sessão Pública de Solidariedade com o Povo Palestino em Luta por uma Independência Soberana e uma Paz Justa».

Nessa noite, José Saramago escreveu no seu blogue:

Venho da Casa do Alentejo onde participei numa sessão de solidariedade com a luta do povo palestino pela sua plena soberania contra as arbitrariedades e os crimes de que Israel é responsável. Deixei lá uma sugestão: que a partir de 20 de Janeiro, data da tomada de posse de Barack Obama, a Casa Branca seja inundada de mensagens de apoio ao povo palestino e em que se exija uma rápida solução do conflito. Se Barack Obama quer libertar o seu país da infâmia do racismo, faça-o também em Israel. Desde há sessenta anos que o povo palestino vem sendo friamente martirizado com a cumplicidade tácita ou activa da comunidade internacional. É tempo de acabar com isto.

O MPPM orgulha-se de ter contado na sua actividade com o contributo único e activo de José Saramago em prol de um movimento de solidariedade com a causa do povo palestino mais forte e interveniente. Saramago esteve na génese da criação do MPPM e presidiu à Mesa da Assembleia Geral até ao seu falecimento.

Hoje, mais do que nunca, o exemplo, a lição, a obra e o legado de José Saramago são da maior actualidade e exigência. Saramago vive e viverá na continuidade da sua — e nossa — luta pela libertação do povo palestino, por uma humanidade liberta da opressão, por um mundo em paz.